

MATÉRIA EM EVIDÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO E EXPOSIÇÃO DO CORPO FEMININO NA ERA DA TECNOLOGIA

Laís Sousa Di Lauro¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma breve discussão acerca do culto ao corpo na era da tecnologia, em especial no universo *online*. Em um cenário repleto de aparatos tecnológicos e redes sociais, que facilitam a disseminação de imagens e propiciam a exibição corporal, este torna-se uma vitrine que, muitas vezes, reflete uma preocupação excessiva com a estética corporal, podendo, portanto, gerar graves consequências para a vida das mulheres. Deste modo, tornam-se cada vez mais necessárias as discussões acerca dos corpos, em especial dos corpos femininos que estão constantemente em exposição nos espaços virtuais, e dos discursos que os compõem e afetam. Assim, com intuito de compreender esse fenômeno na prática, utilizamos Foucault (2014a), para realizar uma análise da rede de enunciações produzidas acerca do corpo a partir de uma foto publicada em dezembro de 2019 pela atriz e cantora Cleo Pires, no seu perfil do Instagram, usando um biquini que mostrava parcialmente seu corpo, o que gerou grande repercussão e inúmeras críticas. A publicação teve mais de um milhão de curtidas e cerca de 24 mil comentários. Ademais, recorremos a conceitos de autores como Novaes (2006), Goldenberg (2002) e Ortega (2008) para compor o referencial utilizado aqui.

PALAVRAS-CHAVES: Corpo. Estudos do Discurso. Estereótipos. Mídia. Instagram.

ABSTRACT: This article aims to present a brief discussion about body obsession in the age of technology, especially in the online universe. Such a scenario, full of technological devices and social networks, facilitates the dissemination of images and provides display of the human body. This becomes a showcase that often reflects an excessive concern with body aesthetics and can therefore lead to serious consequences for women's lives. Thus, discussions about bodies, especially female bodies that are constantly on display in virtual spaces, and speeches that compose and affect them, become increasingly necessary. Therefore, in order to understand this phenomenon in practice, we used Foucault (2014a), to carry out an analysis of the network of expositions produced about the body from a photo published in December 2019 by the actress and singer Cleo Pires, on her Instagram profile, wearing a bikini that showed only part of her body, which generated great repercussion and numerous criticisms. The publication had more than one million likes and about 24 thousand comments. Furthermore, we used concepts from authors such as Novaes (2006), Goldenberg (2002) and Ortega (2008) to compose the framework used here.

KEYWORDS: Body. Discourse Studies. Stereotypes. Media. Instagram.

Introdução

Assim como a beleza, a concepção de corpo também é subjetiva e o que é considerado corpo belo depende de uma série de fatores, entre eles a época, a sociedade, a cultura e outras

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM), UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: laisdilauro@gmail.com.

inumeráveis condições. A compreensão de corpo varia de acordo com o meio social e temporal ao qual este se encontra, podendo ser apreendido como um amontoado de células e órgãos, um conjunto das várias partes que compõem um todo, uma coleção de massas tomadas uma a uma, como o cárcere da alma.

Para Foucault, “o corpo pode ser entendido como superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 1979, p. 22). A análise do corpo através da genealogia foucaultiana, por exemplo, rompe com a análise linear do corpo, sugerindo uma percepção através da articulação deste com a sua história, com as suas marcas. De acordo com essa vertente, o corpo não pode ser compreendido apenas como uma objetificação da matéria, mas deve abarcar a totalidade inteiramente impregnada de história.

O corpo, para além da matéria, está impregnado com nossa essência de tal modo que cada pequena modificação é capaz de afetá-lo. Em sua totalidade social, biológica, histórica e social, ele é capaz de refletir o ser. No contexto da cultura pós-moderna, que pode ser definida como cultura do narcisismo (LASCH, 1985) e do espetáculo (DEBORD, 1997), na qual a exigência infinita de “performance” e o “parecer” se sobrepõem ao ser, o corpo transformou-se em um objeto de apresentação, do ver e do ser visto – de tanta imagem, tanto espelho, como dizem Lucia e Pinto (2003), causa a cegueira da razão. Ao longo do tempo o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias. No entanto, atualmente, esse corpo “encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente” (GOLDENBERG, 2002, p. 9).

O excessivo culto ao corpo, que marca o momento o qual estamos imersos, é facilitado pelas tecnologias e por práticas e discursos que, de acordo com Ortega (2008), investem no corpo humano seja para controlá-lo, modificá-lo e/ou visualizá-lo de uma forma mais completa. No entanto, as práticas e discursos que, de certa maneira, investem neste corpo, tendem a “desprezar à carne”, visto que as representações principais do corpo remetem a um modelo ideal, modificado por meio de tecnologias, caracterizando o que Ortega (2008) denomina de “rejeição corporal da corporeidade”. Sobre isso, Gimenes (2011) comenta que

Tendo em vista o considerado “corpo perfeito”, a variedade dos corpos passa a ser considerada fora da norma, o que leva ao desenvolvimento de um constante sentimento de insatisfação com o corpo próprio e um eterno desejo de autoaperfeiçoamento. As pessoas subjetivam-se com base em um modelo ideal do corpo, que nunca será o delas, que sempre estará na dimensão do outro, do fora (GIMENES, 2011, p. 461).

A devoção ao corpo pode, então, ser percebida como um estímulo para a ascensão de uma cultura somática (ORTEGA, 2008). Neste cenário, a construção da subjetividade e da identidade do corpo se fundamenta em características biológicas, ocasionando a formação de grupos sociais baseados em características específicas, que, como desdobramento, implicam no reforço da disseminação de estereótipos.

O corpo e suas relações de poder e disciplina

Em Foucault (1979), encontramos que o poder penetrou no corpo e encontra-se exposto no próprio corpo. Na conjuntura da imersão tecnológica e eclosão das redes sociais, ele torna-se instrumentalizado, cercado de estereótipos e dotado de poder. Esse corpo exerce inúmeras relações de poder-saber e nelas nos deparamos com fenômenos complexos, que não obedecem à forma hegeliana da dialética.

O domínio e a consciência do próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito de investimento do poder no corpo. A ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo, tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo por meio de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Em suas reflexões na obra “A hermenêutica do Sujeito”, Foucault (2006a) levanta a discussão acerca do biopoder: poder que envolve o corpo e a vida por meios de dominação, técnicas e cuidados de si ou, pela governamentalidade (o governo de si por si mesmo e pelos outros; ou o governo de si e dos outros).

Para Foucault (2014b), o corpo encontra-se envolto em relações complexas de poder e de dominação que “o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam” (FOUCAULT, 2014b, p. 25). Através dessas relações, há a disciplinarização dos corpos, que se volta para a produção de corpos dóceis. Esse poder disciplinar, nos diz Foucault, é uma técnica de poder “pela qual a função-sujeito vem se superpor e se ajustar exatamente à singularidade somática” (FOUCAULT, 2006b, p. 69), que tem por objetivo fazer do sujeito apenas um corpo sujeitado.

Esse corpo, ao qual nos referimos, é o corpo socialmente construído e constituído. É o corpo que perpassa as redes discursivas e ali nasce, cresce e se reproduz, condensado em redes de enunciação. É o corpo que sofre influência, e interferência, dos mais distintos dispositivos sociais e está preso as lógicas dos dispositivos, inconstantes e incertas, que se modificam rapidamente. É o corpo, em sua essência, impregnado de subjetividades, narrativas, moralidades e estereótipos. E é, também, o corpo submetido ao poder disciplinar, da docilidade. Assim é regulado, doutrinado e submetido à vigilância.

As subjetividades encontram-se sufocadas pelo modelo que é imposto a todos, independente das suas características biológicas e fisiológicas. A vestimenta que cobre o corpo do outro é colocada ali, para todos os corpos, e o sujeito deve fazer cabê-la em si. E a indústria da beleza e do capitalismo, com milhares de produtos e sugestões, está ao seu dispor para fazer com que isso ocorra. Recorre-se as mais diversas cirurgias e procedimentos, dietas e exercícios até a exaustão do corpo. Caso não seja possível caber naquele modelo, o corpo é realocado ao local de falência. Falência social, falência moral e, possível, exclusão social.

Imagem corporal e o “corpo ideal”

Para Schilder (1999), a Imagem Corporal não pode ser restringida a uma construção cognitiva, mas deve ser levada em consideração, também, a reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros. Por isso ela é construída com base nos eventos diários e envolve diversos fatores emocionais, sociais, culturais, genéticos e físicos que determinam como os indivíduos se posicionam no mundo e o percebem. Desse ponto de vista, podemos compreender que a utilização das redes sociais atua, também, moldando a concepção que o indivíduo tem do seu corpo.

Lira et al (2017), nos mostra que a Imagem corporal pode ser definida como a imagem do corpo construída em nossa mente e os sentimentos, pensamentos e ações em relação ao corpo. Ela é influenciada por diversos fatores, mas três deles apresentam maior interferência: os pais, os amigos e a mídia e, de acordo com autores, esta última, sinônimo de “meios de comunicação social”, é a mais pervasiva das influências. Acredita-se que a internalização do padrão do corpo “ideal”, ou seja, a incorporação do valor ao ponto de modificar as atitudes e comportamentos pessoais, é um importante mediador da insatisfação corporal.

A significativa carga simbólica que as imagens possuem dentro das plataformas sociais, como por exemplo o Instagram, agregam valor simbólico, mnemonicamente, aos usuários. A frustração de, muitas vezes, não se encontrar em padrões corporais específicos, tidos como ideais, pode levar os indivíduos a um descontentamento consigo e com o seu corpo, podendo essa insatisfação ser capaz de afetar a percepção sobre o corpo e sobre a imagem corporal.

Segundo Delalibera (2005), a obsessão pelo “corpo ideal” está atingindo uma população preocupada com a perfeição do corpo. Essa população é afetada por alterações psíquicas caracterizadas por distúrbios na representação pessoal do esquema corporal e na consciência do corpo como meio de comunicação consigo mesmo e com o mundo. Segundo Paim e Strey (2004), o corpo torna-se um objeto virtual, agora saturado de estereótipos, que aparece como

um quadro inacabado e transforma-se em imagem do corpo, torna-se um objeto de autoplastia: “fique nu..., mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1979, p. 83).

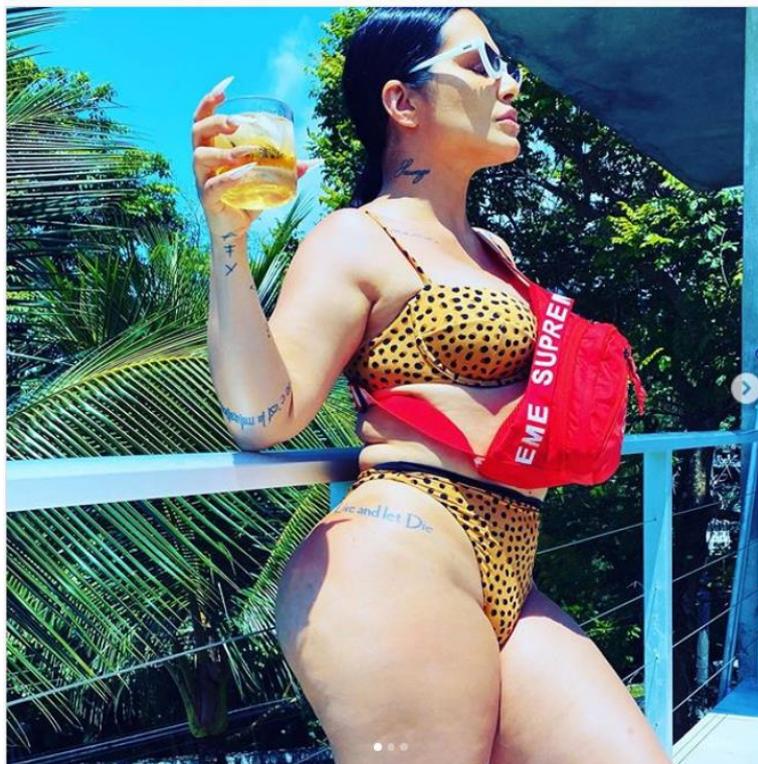
Em Paim e Strey (2004) encontramos ainda que o corpo ocidental se situa em plena metamorfose e o indivíduo contemporâneo está sempre em busca de descobrir em seu corpo uma verdade sobre si mesmo que a sociedade não consegue mais lhe proporcionar. Assim, “na falta de realizar-se em sua própria existência, este indivíduo procura hoje realizar-se por meio do seu corpo” (PAIM; STREY, 2004, s/p). E essa busca incessante pelos ideais de beleza pode acabar culminando em problemas maiores, como a exemplo dos distúrbios de imagem.

Discursos e enunciados

Os discursos, a partir do ponto de vista foucaultiano, são práticas sustentadas por estruturas históricas, sociais e culturais que os modelam e restringem. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelos rituais, que definem os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso. Assim, os discursos carregam em si grande carga simbólica e, ao serem proferidos, causam efeitos àqueles aos quais se dirige (FOUCAULT, 2014a).

Com intuito de compreender as redes discursivas acerca do corpo, recorreremos a Foucault (2014a) para realizar a análise de enunciações tecidas em uma postagem realizada em dezembro de 2019 pela atriz e cantora Cleo Pires, no seu perfil do Instagram. Nesta análise, levamos em consideração apenas os comentários realizados no post da atriz e cantora, sem nos ater as respostas aos comentários, feitas por outros usuários.

Figura 1: Foto da publicação da atriz e cantora Cléo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

A publicação, realizada em formato de álbum com três fotos, chamou atenção dos usuários da plataforma em comparação com as demais postagens do perfil da atriz que possuem uma média de 300 mil curtidas. Tendo mais de um milhão de curtidas e cerca de 24 mil comentários, o post gerou grande repercussão pelo fato de a atriz e cantora exibir um corpo “fora dos padrões”. Deste modo, acreditamos ser importante levantar a discussão acerca dos discursos de estereótipos sobre, e sob, o corpo feminino.

Em virtude dos inúmeros comentários, optamos por analisar os últimos quatrocentos comentários presentes na publicação, agrupando-os por afinidade. É importante ressaltar que, por vezes, comentários se sobrepuseram em mais de uma categoria. Por fim, com base em critérios didáticos, destacamos os seguintes subgrupos para explanação: 1) discursos de comparação; 2) discursos de negação e ódio e 3) discursos de desleixo.

1 - Discursos de comparação

“Por meio de um jogo de espelhamento infinito, o outro passa a ser objeto de comparação uma vez que o reflexo devolve, além da própria imagem do sujeito, inúmeras

outras imagens” (NOVAES, 2006, p. 157). A comparação, muitas vezes, é uma forma de diminuir uma pessoa, salientando as qualidades do outro ou os defeitos de quem está sendo comparado. Na postagem de Cleo, foram identificados vários comentários de seus seguidores comparando-a com outros famosos, a fim de colocá-la em um local de inferioridade, de exclusão: o local do gordo.

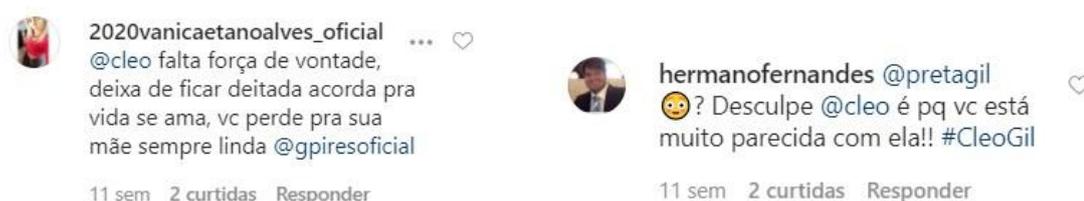
Paim e Strey (2004) afirmam que o corpo em forma se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual homens e mulheres podem aspirar. Assim sendo, os corpos que não se esquadram nesse esquema são vistos como “falidos” e, por isso, não são almejados e são desqualificados.

Identificamos nesse eixo os comentários em que o gordo é tido com desdém e com espanto, por representar o “fracasso” ao ser comparado negativamente com outros corpos. Agrupamos aqui, também, comentários que remetiam a falta de força de vontade da atriz em “se manter na linha” confrontando-a com outras mulheres famosas que “dão de zero a 10” na atriz, conforme comentário de um dos seguidores.

Nunca, afirma Novaes (2006), o poder do olhar do outro sobre o corpo foi, a tal ponto, invasivo. Ao compararem Cleo Pires com outras mulheres, os seguidores exprimem a indignação de ver uma pessoa famosa com um corpo que não é aceitável para os padrões de corpo feminino. Essa comparação pode ser relacionada ao fato de os indivíduos buscarem se encontrar em uma imagem externa a si, visto que “o reconhecimento da própria imagem através da projeção do outro passa a ter um papel vital na vida do sujeito, sua imagem agora se imiscui com a do(s) outro(s) em uma intrincada cadeia que define e explica a preocupação dos sujeitos” (NOVAES, 2006, p. 157).

Nesse agrupamento notamos, também, comentários que associam o fato de a atriz ter engordado à falta de força de vontade, comparando-a com a sua mãe (Glória Pires) que, apesar de ser bem mais velha, é magra e conseqüentemente, para os padrões de belo feminino, linda. Além desses, alguns comentários comparavam a atriz com outros famosos que também não se encaixam no padrão aceito de corpo feminino.

Figura 2: Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Para Delalibera (2005), nessa era da magreza provocada e globalizada, ser gordo, apresentar barriga, pelancas, ou quaisquer glândulas adiposas é praticamente um crime. A beleza e a feiura, quando atribuídas ao corpo de alguém, podem ser vividas como sentenças que decidem sobre o direito de ter ou não uma identidade humana plenamente reconhecida (NOVAES, 2006). E assim, Cleo Pires é sentenciada, pelo tribunal da internet, por exibir um corpo fora dos padrões socialmente aceitos de corpo belo.

2 - Discursos de negação e ódio

“Eis-nos em pleno domínio da ditadura da aparência” (NOVAES, 2006, p. 17). Aqui, reunimos os comentários que reduzem o corpo da atriz a seus aspectos físicos e biológicos, através de discursos de cunho odioso e de negação. Se em Novaes (2006), encontramos que o sujeito reconhece a sua própria imagem através da projeção do outro, a negação do corpo, aqui em questão, torna-se a rejeição da sua própria imagem.

O discurso do corpo fala das relações internas à sociedade e também nele vai se expressar a busca da felicidade plena. Palco privilegiado dos paradoxos e dos conflitos, o corpo que busca a sua singularidade é o mesmo que tenta negar a diferença e a alteridade (NOVAES, 2006, p. 74).

Paim e Strey (2004) dizem que o corpo representado pela mídia é um corpo musculoso, sarado e restrito a poucos, e esse corpo seria sinônimo de saúde e beleza para a grande maioria das mulheres. Neste ponto, reiteramos que o maior número de comentários deixados nesta publicação tem autoria feminina e que alguns dos discursos separados nesse eixo associam o gordo a problemas de saúde, como a existência de doenças físicas e mentais, conforme demonstram os comentários abaixo de duas seguidoras do perfil.

Figura 3: Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Busca-se negar o corpo em sua própria realidade pois, ao fazê-lo, os ideais sociais aceitos são reafirmados e realocados como única possibilidade. O que não se enquadra, deve buscar o aperfeiçoamento; é incabível um corpo se expor acima do peso, ainda mais parcialmente despido. A nudez é privilégio dos poucos que conseguem atingir a marca do ideal. Por isso, qualquer outra forma de corporalidade incomoda o olhar treinado e acomodado dos sujeitos devotos da magreza enquanto belo; é inaceitável e “esteticamente horrível”, conforme ilustra figura abaixo.

Figura 4: Comentário publicado na postagem de Cleo Pires



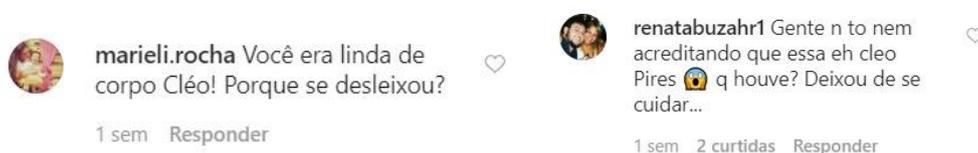
Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Goldenberg (2002) nos diz que cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde. Assim, o sujeito gordo carrega em seu corpo a culpa por não enquadrar-se em ideais socialmente ditos.

3 - Discursos de desleixo

“Não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos” (GOLDENBERG, 2002, p. 9). Neste agrupamento, reunimos os comentários que associavam o fato do ganho de peso da atriz a questão do desleixo. Neste sentido, a gordura encontra-se entre os piores tipos de desleixos com o corpo, sendo concebida como um tipo de transgressão moral que traduz “um modo inadequado de relacionamento com o corpo, no qual estão excluídos exercícios físicos regulares, esforço, disciplina, persistência, obstinação e autoestima” (NOVAES, 2006, p. 29). O gordo, então, seria o corpo “desobediente”; o corpo que não teria sido submetido ao “poder disciplinar” (FOUCAULT, 1979).

Figura 5 : Comentários publicados na postagem de Cleo Pires



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B6oR0ikHMw5/>

Nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. Denota descuido, preguiça, desleixo, falta de disciplina. “A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo” (VASCONCELOS et al, 2004, p. 68). Para Goldenberg (2002), a gordura, a flacidez ou a moleza são tomadas como símbolo tangível da indisciplina, do desleixo, da preguiça e da falta de certa virtude, isto é, “da falta de investimento do indivíduo em si mesmo” (GOLDENBERG, 2002, p. 31).

A associação entre o gordo e o desleixo vem da necessidade de justificar o porquê de o corpo ter tomado tal forma. E, na falta de explicação, não há outra justificativa: a culpa é da falta de cuidado de si. É importante ressaltar que, nesse eixo, a maior parte dos comentários vieram de mulheres, com enunciados discursivos de que se deve perder peso para ser bela. É nesse mesmo discurso que encontramos, também, resquícios de concepções corporais pré-estabelecidas e do machismo enraizado nas mulheres, que repercute no cotidiano e em seus corpos.

Considerações finais

O corpo é socialmente constituído e modelado por discursos, contínuos e sistemáticos, que o perpassam e estabelecem relações de verdade. Imerso em complexas relações de poder e de domínio, que tendem a torná-lo dócil e útil, o corpo está sujeito a coerções estéticas imperativas e excludentes.

A cultura do culto ao corpo tem nos levados a uma eterna frustração com a nossa própria imagem corporal. O magro, o esbelto e o sarado, entre outros, são tidos como características do corpo em um local de privilégio alcançado por poucos, enquanto o gordo é associado a ausência de saúde e de beleza. E esse corpo, gordo, fora os padrões considerados ideais, é apontado, julgado e condenado por discursos ancorados no belo, no moral, no ético, no religioso, na medicina e na biologia, na publicidade, na mídia, na indústria da beleza e farmacêutica, na estética, nos estereótipos, e incontáveis outros.

Tenta-se fazer caber os mais diversos tipos de corpos dentro de padrões e percepções que não cabem em todos, padronizações, estas, que acobertam o verdadeiro ser. E nessa emergência de fazer o outro caber nos desejos de si, matam-se as subjetividades.

Apresentamos aqui uma pequena discussão sobre um tema vasto, que não tem intenção de esgotar esse tema em si, mas sim de suscitar novos debates. Assim, deixamos em aberto para discussões futuras as questões acerca dos estereótipos de corpo ideal nos tempos atuais, da exibição do corpo nas plataformas digitais e da representação social e midiática do corpo gordo.

Referências

- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELALIBERA, M. A. *A imagem do corpo e a angústia sobre o corpo no envelhecer e no morrer*. 2005. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~bdsepsi/177a.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- FOUCAULT, M. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- GIMENES, G. F. *As incertezas do corpo*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 459-466, 16 ago. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38607>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo com valor. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- LIRA, A. G. et al. *Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras*. Jornal brasileiro de psiquiatria, v. 66, n. 3, p. 164-71, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v66n3/0047-2085-jbpsiq-66-3-0164.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.
- LUCIA, M. C. S.; PINTO, K. O. *Dismorfia corporal: Sintomas da Realidade?* In: Psicologia Hospitalar, vol. 1(1): 36-53, São Paulo, 2003.
- NOVAES, J. V. *O Intolerável Peso da Feiura: sobre as mulheres e seus corpos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. *Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade*. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 10, n. 79, dez. 2004. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASCONCELOS, N. A. et al. *Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia*. Rev. Mal-Estar e Subj., Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/04.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.